



TODO MUNDO conhece a história daquele casal em que um parece não ter nada a ver com o outro mas, para surpresa de todos, ambos são felizes. Eu também conheço um casal assim: ele, além de ser um vendedor bem-sucedido, é um forte ex-ataleta e treinador, que joga golfe todo sábado com os amigos e é ativo no Rotary Club. Sua mulher é pequena, quieta e totalmente caseira; não gosta de sair nem para jantar.

Que força misteriosa nos empurra para os braços de uma pessoa,

enquanto nos afasta de outra que pode parecer igualmente desejável a um observador desavisado?

Dentre os muitos fatores que influenciam nossa idéia do parceiro perfeito, um dos mais reveladores, segundo John Money, professor emérito de psicologia médica e pediatria da Universidade Johns Hopkins, é o que chamamos “mapa do amor” – um grupo de men-

Por que você ama quem ama?

JOYCE BROTHERS

so mapa do amor, e este é determinado na infância. Na idade de oito anos, o modelo de parceiro ideal já povoa nossos cérebros.

sagens codificadas no nosso cérebro que descreve o que gostamos e não gostamos. Mostra nossa preferência por cor de cabelos e olhos, voz, cheiro e aparência física. Diz também que tipo de personalidade nos atrai: calorosa e simpática ou forte e silenciosa.

Em resumo, nós nos apaixonamos e buscamos as pessoas que se encaixam mais claramente em nos-

QUANDO dou uma palestra, costumo perguntar aos casais da platéia o que os atraiu nos parceiros. As respostas variam de “Ela é forte e independente” e “Gosto de ruivas” a “Adoro seu senso de humor” e “Aquele sorrisinho maroto”.

Acredito no que dizem. Mas também sei que se pedisse aos mesmos homens e mulheres para

descrever suas mães, haveria muitas semelhanças entre elas e os parceiros ideais. Sim, as mães – o primeiro amor verdadeiro de nossas vidas – compõem parte significativa do nosso mapa do amor.

Quando pequenos, ela é o centro de nossa atenção, e nós o centro da sua. Assim, ela deixa uma marca indelével, e somos sempre atraídos por pessoas com suas características faciais, tipo de corpo, personalidade, até senso de humor. Se era amorosa e dedicada, quando adultos somos atraídos por pessoas amorosas e dedicadas. Se era forte e calma, seremos atraídos por uma força serena nos parceiros.

A mãe não apenas indica o que os filhos acharão atraente na parceira, mas também afeta a maneira como se sentirão em relação às mulheres em geral. Se é amorosa e simpática, os filhos acharão que as mulheres são assim. Serão, provavelmente, amantes amorosos e dedicados e também cooperativos em casa.

Já a que possui uma personalidade depressiva, que às vezes é amável e de repente fica fria e desaprovadora, pode criar um filho que se tornará arredio. Por ter tido tanto medo do amor da mãe, ele terá medo de compromisso e por isso poderá viver fugindo das namoradas.

Enquanto a mãe determina, em grande parte, as qualidades que nos atraem num parceiro, é o pai – o primeiro homem de nossas vidas – que influencia como nos relacionamos com o sexo oposto. Os pais possuem enorme efeito sobre as personalidades dos fi-

lhos e sobre suas chances de felicidade conjugal.

Assim como as mães influenciam os sentimentos gerais dos filhos em relação às mulheres, os pais influenciam os sentimentos gerais das filhas em relação aos homens. Se elogia a filha e demonstra que é digna, ela se sentirá segura com relação aos homens. Mas se é frio, crítico ou ausente, a filha poderá não se achar digna ou atraente.

E OS OPOSTOS? Realmente se atraem? Sim e não. Sob muitos aspectos, queremos um espelho de nós mesmos. Pessoas fisicamente atraentes, por exemplo, geralmente gostam de parceiros também atraentes.

Além disso, a maioria de nós cresce com pessoas de circunstâncias sociais semelhantes. Andamos com pessoas da mesma cidade; nossos amigos têm mais ou menos a mesma formação e os mesmos objetivos profissionais. Tendemos a nos sentir mais confortáveis com essas pessoas e, portanto, a nos ligar a outros cujas famílias são frequentemente parecidas com as nossas.

Robert Winch, veterano professor de Sociologia, afirmou numa pesquisa que nossa escolha de um parceiro envolve várias semelhanças sociais, mas que também procuramos alguém com necessidades complementares. O falante é atraído por quem gosta de ouvir, uma personalidade agressiva pode buscar um parceiro mais passivo.

É como o velho e sábio ditado sobre casamento, que aconselha os noivos a se certificarem de que os buracos na cabeça de um se encaixam nas saliências da cabeça do outro. Ou, se-

gundo Winch, é o equilíbrio entre semelhanças sociológicas e diferenças psicológicas que aponta o caminho para romances sólidos e duradouros.

Entretanto, há casos de pessoas de diferentes meios sociais que se casam e são extremamente felizes. Conheço um homem que trabalha numa fábrica, pertence a tradicional família irlandesa de Chicago, e se apaixonou por uma batista afro-americana. Quando se casaram, parentes e amigos acharam que não duraria. Mas, 25 anos depois, o casamento ainda está firme.

Acontece que a mulher era como sua madrasta – doce e carinhosa, do tipo que arregança as mangas e se oferece para trabalhar na igreja ou ajudar pessoas em dificuldades. Foi essa qualidade que atraiu o marido, e tornou irrelevantes raça, religião e quaisquer outros fatores sociais.

Ou, como dizia George Burns, que era judeu e casou com a católica irlandesa Gracie Allen: adorava trabalhar com a mulher, embora fosse ela quem arrancava todas as gargalhadas. Os dois dividiam certas semelhanças sociais – haviam crescido na mesma cidade, em famílias grandes e pobres. Mas o que realmente os atraía ficara evidente desde a primeira vez em que subiram ao palco juntos. Completavam-se perfeitamente: ele era sério, ela fazia todas as piadas.

HÁ, CERTAMENTE, alguns “estranhos casais” que não poderiam ser mais felizes. Todos conhecemos uma pessoa linda de morrer casada com alguém incrivelmente esquisito. É uma troca que alguns chamam de teoria da equidade.

Quando alguém possui um atributo particular, como grande inteligência, beleza incomum, personalidade surpreendente ou situação financeira idem, pode decidir trocá-lo pelo ponto forte de outro. A beleza estonteante pode desejar o poder e a segurança que acompanham as grandes fortunas. O sujeito não tão talentoso de boa família pode trocar seu *pedigree* por uma parceira pobre e talentosa.

Na verdade, qualquer combinação pode sobreviver e prosperar. Certa vez, um casal de vizinhos veio nos visitar. Durante a noite, Robert, homem de seus 50 anos, subitamente perguntou:

– O que diria se sua filha planejasse casar com alguém que usa rabo-de-cavalo e insiste em cozinhar?

– A menos que ela adorasse cozinhar – respondi –, diria que tem uma tremenda sorte.

– Exatamente – concordou a mulher dele. – Seu problema, Robert, é esse machismo. O importante é que eles se amam.

Tentei tranquilizá-lo, dizendo que o rapaz que sua filha escolhera parecia ser uma pessoa calma, sem preconceitos – assim como a mãe dela.

EXISTE AMOR à primeira vista? Por que não? Quando as pessoas se apaixonam, o que acontece naquele instante é que, provavelmente, descobrem algo único que têm em comum. Pode ser algo banal como estarem lendo o mesmo livro ou terem nascido na mesma cidade. Ao mesmo tempo, reconhecem no outro algum traço que completa sua própria personalidade.

Fui uma dessas atingidas pela vari-

na mágica. Naquele fim de semana, no segundo ano da universidade, tive um resfriado terrível e hesitei em ir ver minha família, em férias nas montanhas. Finalmente decidi que qualquer coisa era melhor que ficar sentada sozinha no alojamento.

À noite, eu me preparava para ir jantar. Minha irmã subiu as escadas correndo e disse:

– Quando você chegar à sala, vai encontrar o homem com quem se casará.

– Besteira! – exclamei.

Porém ela estava certa. Soube desde o primeiro instante, e a lembrança ainda me dá arrepios. Ele era estudante de Medicina da mesma universidade e, por coincidência, também estava muito resfriado. Apaixonei-me por Milton no momento em que o vi.

Ficamos casados 39 anos, até ele morrer, em 1989. E todo esse tempo vivemos um amor que Eric Fromm chamou de “um sentimento de fusão, de totalidade”, mesmo enquanto continuávamos a mudar, a crescer e a viver nossas vidas.

FOTO © CAROL FORD/TONY STONE IMAGES



No princípio...

Billy ficou sentado comportadamente enquanto sua mãe explicava o quanto a família tinha sorte. Em seguida, contou-lhe o porquê – Billy logo seria irmão mais velho.

No dia seguinte, o menino correu para contar à professora as boas novas.

– Tia Rosane, tia Rosane! – gritou ele. “Minha mãe teve sorte ontem à noite e vai ter um bebê.”

Charrissa Jones

Enquanto eu aguardava minha consulta com o obstetra, uma paciente entusiasmada entrou repentinamente na sala de espera.

– Querido – gritou ela ao marido sentado com a filhinha. – Vamos ter gêmeos!

– É isso aí, mamãe – disse a filha. – Compre um e leve dois!

Cynthia A. Smith

– Você quer menino ou menina? – perguntou uma amiga ao nosso filho de 5 anos, Ryan, no sétimo mês de gravidez de minha mulher. Àquela altura, Ryan havia escutado diversas vezes a resposta de praxe.

– Tanto faz se for menina ou menino – disse ele – contanto que seja rentável.

Charlie Gill

Anúncio classificado visto no Tribune de Great Falls, Montana: “Sujeito gordo insípido deseja vender aparelho de exercícios intimidante. Posso ser encontrado à noite no sofá.”